

“actu sanguíneu”

Ondjaki

à sita e ao jujú que trataram da papelada
à dada que tratou da revisão.
à dor que pela mão se expressou, se espaçou
...
este livro é para ti Sankarah, tu que sempre estás

“O poema é solitário. É solitário e vai
a caminho. Quem o escreve torna-se parte integrante dele.”

[Paul Celan, *Arte Poética*]

in disse

em adeus.....	5
do branco	16
em solfejo.....	23
em sono.....	33
azul.....	39

em adeus

de manhã, antes do mundo,
o mundo parece-me sempre mais simples.
a palavra orvalho entenece;
o pombo e o galo cumprimentam-se
num acaso escorregadio.
momentos gotejando
vão fazendo o barulho das horas.
no tecto vizinho
há ainda andorinhas adormecidas,
reesquecidas.
no céu, o pano amarelo acorda, volta.
antes do mundo acontecer
(quase sempre),
uma magia oriental sustenta
cada goticular movimentação.
um sopro.

II

de mãos nuas sonhei
que ser estrela – no mar -
me tornava alada,
que as alforrecas todas
se uniam em mim,
não por vontade do vento,
mas pela minúscula força
da areia...

III

toco
na bipartição dos lábios
e passo a saber que existo.
procuro de mãos soltas
o mundo,
um mundo.
e na cadeira chamada Outono
inscrevo - com sangue, periódicas lembranças pontuais.
se a folha cai, oiço-a tocar o chão.
se o chão sorri,
a estação murmura em mim
para mim
o que ainda não vi.
repousa então na boca
na gruta
uma transparente excrescência;
babo-me.
sobre a cadeira de madeira
quieta
chamada Outono.
espero.

IV

se escrevo, devo
algo às lembranças,
à balança interna
entornando adocicados barulhais.
na Primavera, primo
por flores,
sabores, odores.
na rima me embalo,
sopro mel
e, apeteendo,
falo do que falo.
mas fá-lo-ei sempre?
sinto que devo
soprar o trevo
e ir sentando de manhã
à espera do sol
que acorda a rã
que emite o grito
que sempre alegre
um pouco-chito.

é que gosto de sangues;
quase todos.
os horizontais
escorregando cascatamente;
os verticais
mais aprofundados;
os coagulados
como carimbos intemporais;
os menstruais
certeiros, nem sempre;
os cuspidos,
surpreendentes;
os provocados,
mal acatados;
os escritos,
sempre incorrigivelmente efémeros.
diria que o sangue é
encarnado,
e breve também.
uma gota.

pela borda fora
recai
o fluxo dos corações.
o joelho sangrando
deturpa a bainha dos
calções.
na ermida isolada
dorme uma mosca.
mas repousa?
ou sonha pesarosamente que após percorrer o
deserto
encontra e lambe satisfeita
o sangue salgado do joelho, do coração,
que repousa coagulado no calção...?
pela borda e fora
a mosca.
a maldição.

VII

a maré doce da tarde
hoje
chama-se olfacto;
ou cacto;
corrente, âncora,
oceano revolto;
e num cachecol solto
passa (num instante só)
a vulcânica sonoridade
de uma deusa.
que o céu se erga um
pouco mais;
que a maré doce hoje
- sempre -
se chame não deserto
mas imensidão.
então afastarei a mão
do cacto.

VIII

sangra, boca.
teu pecado só a lua conhece.
caem pedaços de dentes,
e no quadro salgado-encarnado
pressinto (e cheiro) a tua morte.
que te seja calma a viagem,
que teu sonho seja leve.
na rede embalatória da noite
sinto demasiados buracos;
oxalá não sejas tão pequena que
por via do sangue
escorregues num deles.
em direcção à areia...
areia que escoa, areia que consome e esquece
o sangue.

IX - “a wim mertens”

tu-semente ondulando pelas sensações,
reocupando dedos, memórias,
acusações.
oiço-te como se escuta a nuvem:
olhando;
ao longe, a paz, a partitura inconstante
prática, errática,
que me comicheia os pavilhões auditivos.
rompes na noite; teus dedos suam, crêem na liberdade;
e sentado, mãos entre preto alto e branco quieto,
avoas.

X - “sankarah”

se olhando o céu
na cortina cinzenta de cada árvore
eu te pudesse alcançar,
cada sonho meu chamar-se-ia «dia»
e eu de noite não mais
cerraria os olhos
nem saberia pedir a pálpebra alguma que se deitasse noutra.
se num sopro astral – ou pequeno –
eu um salto desse,
tomaria por espada um destes galhos
e pediria à morte para matar o tempo
ao contrário;
e **na bruma cinzenta** de cada árvore
tu poderias – sorriso manso –
voltar a acontecer.

do branco

do branco a ternura do desgosto,
o encosto,
o repouso embebido em vinho;
uma espécie de posto
a almofada, a cor, a fronha deste
rosto.
da leve lança; da dor incrustada no peito,
nas portas, nas costas.
rarefeito olhar aberto; como que pelos
dedos afastados esperando.
do branco a postura acalmada.
os pés horizontais, prontos à fixidez.

palmas soltas, em fila indiana
que marcha.
como marcham os mortos
como enfaixam as palmas das mãos
os homens nos portos.
homens a branco e preto retratados na
protecção de uma distância.
uma morta distanciação.
palmas que se batem enquanto nos portos
os mortos marcham, enfaixam
a fila indiana.
enquanto a morte se abana.

III

cego-me de branco; cubro os lóbulos
com o som que sabe desenhar mundos.
eu-piano; eu-engano;
cego como as pulgas fugazes do meu cão;
cego na aprendizagem da bengala a
que chamo chão.
a vida toca-me em mensagem.
eu respiro não o ar, não o vento
mas o lado curvo da aragem.

IV

ingénuo, o incenso consome-se numa vertical aceitação,
um mini-vulcão, na ponta humedecida
da mão.

ingénuo como a pele rugosa do resser-nascido,
o voo bravo do mosquito
a face negra, presa, da mesa.
o incenso deleitando-se na irritação do tempo.

...
há, o tempo.

no dedilhar sequencial, o preto lembra ao
branco que a proximidade coexiste.
que o dedo sobre **o piano**
não resiste
à vizinhança iminente. presente.
o branco pressente a violação que o preto ressentido.
o branco sente a privação que o preto prevê.
e a música escorre de uma mão irrequieta
para um vidro, um ouvido, um vida
inquieta.

VI

do branco, a parede encarnada que aconchega
o fuzilado.
o braço na arma, a alma armada.
uma frota em guerra, um militar que escreve
- entre balas, entre malas –
à sua amada.
a desconfiança.
e quando chegar, enfim, a cegueira prometida,
do branco
apenas a lembrança.
a herança.

em solfejo

I

porque o fio azul se solta,
a dor se instala,
a calma estala.
porque a redoma se
quebra,
porque Eva terá desmaiado
de prazer.
porque o livro se rasgou todo;
a biblioteca em cinzas
é sepultada por um grupo
vermelho
de homens robustos.
porque os óculos
de massa
começam lentamente a escorregar
na contracapa azul
de um livro por adormecer.

II

e olho para o lado:
um vento pequeno adormece entre nós,
via da nossa distância corporal.
uma mão pede um beijo
à tua.
os meus dedos - por quererem
estão junto aos teus.
e, folhas caindo na noite,
encontramos um olhar.
ponte nossa... primeira ponte entre nós.

III

na profundidade do ferimento
sub-resiste o olhar.
a inveja, o desapego, o mar.
passos num **corredor longo**,
portas entreabertas, imagens circenses
cercando os olhos.
o olhar atingindo o relógio gigante,
parado, amarrado:
o relógio-testemunha.
...
os corredores são sempre longos.

IV

fui a vela, o mastro, o remo
do dia.
em mim naveguei não na calma
pretendida
mas no mar aleatório que se impôs.
rumo solto
em solto rum,
pirata em mim
vi nitidamente em que porto
adormecer.
e se meu barco, revolto,
me não levasse já, lá,
então aquaticamente eu seguiria.
mas o vento foi mano
a água esteira
certeira
para o porto em que ainda repouso.

caminho ao longo da noite
enxergando, enxugando a felicidade escorrente.
na corrente vertical, emocional,
as horas escorrem devagar – a meu pedido.
numa chávena de água
vejo um mar.
num mar visto
o teu rosto, as tuas mãos
conquisto.
de mim para mim.
vim... vem também.
abro os olhos, vejo o mundo escuro,
molhado.
procuro-te, pensativamente.
por momentos – muitos –
tu és a própria bússola.

VI

olha à volta.
olha a volta.
do redondo sítio resta
o vício, aquecido,
lambido.
a saliva; o paladar; o jindungo;
a provocação gustativa.
entorno no teu peito
a seiva-testemunha,
o nosso mundo, o nosso leito,
um pouco de água
e uma
ou outra unha.
unha dura. linha dura
entre o teu dente
e a repousada uva
na minha boca.
seca. sem ar dentre. ardente.
olha a revolta. olha de volta.

VII

o lado da jangada que pesa.
a rede escorregando
na vela da noite
na **nua velocidade**.
um pouco de pão, um cheiro a peixe.
ao longe a lamparina
o feixe de luz
que reluz
à contra-praia.
da contra-costa um assobio.
feminino. um arrepio.
pioneira lua que brinca estreante
na madrugada.
há humidade no ar:
a chama no cachimbo,
apagada.

VIII

barras negras verticais compond-me
a mim,
noite.
pluma azul, vértice insuficiente
da cansada rotação,
da razia, da azia
na última estação.
estação-combóio; estação-temporal;
estação-Golungo. lembrada.
barras e penas azuladas
invertidas
em jeito de vazio.
a noite de metal escorregadio
escorrega o dia verticalmente
até noite.
na vertigem que sobra;
sossobra.
ou na sombra da vertigem:
assim é mais escuro.

IX – “cortejo setembrino”

de luto cintilha a maresia
empilhando cravos
sobre cinzas.
embarcações tranquilas, rouquilentas,
fumegantes.
do choro, o som (des)abafado;
da água, a esteira discreta.
mãos calmas, contrémulas,
aveludando o mar de cinzas;
mãos-cama, contrépidas,
achatando o mar de cravos.
a morte, calma, espelhou-me do cimo
olhares de adeus.
algumas redes, algumas preces.
(...) a vida inesticando-se,
fluido unissensorial.
a porta esgrimando acertadorias
contra o espelho...
meu último espelho
sob o mar.

em sono

durmam os percevejos que eu já não posso.
rebento de culpas inexplicáveis, remeto-me às músicas
e momentos que ainda
encontro.
durmam os outros que podem;
a noite é meta de ser transvívada, nunca alcançada.
uma espécie de recta inacabada à qual me foi vedado o acesso
do vitorioso acabamentoo.
durmam os mais sossegados que nós estaremos acordados.
de líquidos inodores à vista, de lençóis escorrendo
escondendo adocicadas expedições.
o pénis escondido no pijama. o pénis reencontrado de manhã, no frio,
na fria mão.
a nova segurança.
o dia, a claridade rompendo; o mundo agita-se, dança.
e o olhar dos insomníacos esperando o fim da tarde.
a noite, a noite branca, sonolenta...
o olhar dos que não dormem com paz.
não o olhar do lince, não o olhar do percevejo,
mas um olhar em lança.
durmam os vencedores que nós remoeremos os corpos,
os remorsos,
as dores.

eu sou a pele da flor. a maciez, o odor, a viscosidade morta, num assunto gasto. ando na flor da pele, escorrego na voz grave de uma cantoria, o que seria, o que seria o som mouco que subsistia lá atrás enquanto se gritava, se sonhava.

sou o fim da página, não o risco cuidado, mas a parte rasgada; o tempo carcomendo-me enquanto pode, enquanto ainda aqui espero por tautológicas mordiscadelas. gosto de olhar mesas: as que têm envelopes por sobre elas, selos, pêlos, tudo que lembre o que foi viajar. lembro o mar, o mar.

eu sou o retorno da onda que retorna ao mar.

III

há uma valsa lenta neste
baixinho barulhar.
um vermelho odor, qualquer
coisa de baço
no olhar.
seios brancos, um soutien escondido
um par de óculos
uma doce morosidade.
há algo de erótico na casa da idade;
um suspiro estalando no ar
ou uma valsa quente no repouso de um lar.

do café redondo
à chama seca na sombra;
a concavidade da axila
um morto, e pingos de chuva em fila.
a escuridão espessa do grão
por via do chão
por via da chávena
chega ao encosto dos lábios.
da morna ocasião;
um corrimento, composto escuro
entre-dentes, entre-línguas,
entre-sabores.
do cigarro precedente
à cor solene, granular,
do doce açúcar.
do café, o fumo arredondo.

quantos negros chapéus...
caracóis caídos, entrelisos, na
encosta sobreposta
do teu dorso.
invade-me a sede dos
dromedários,
o manto verde, irregular
dos cactos.
e imploro à chuva
a vertical rega.
ao que o céu contigo
contido
um ou outro pingo
me nega.

azul

I

que o amor é rosa e cacto
e espinho,
e eu sou prosa e pranto
e vinho.
do canto e do verso quero
a curva anunciada.
do manto e do inverso, peço
a lareira inapagada.
e feliz, não morto por um triz
quero luz para apalpar.
que o amor é onda e asa
e frio,
e o vento fez-me aterrar.

noite de vulcão mais que acordado peço-te
deixa-me em paz;
e grão de areia sendo
sopra-me como se precisasses de
empunhar e empurrar
uma pedra não amigável.
e rompe o céu através de mim;
joga-me verticalmente contra as
tuas vísceras mais aladas,
faz-me brilhar na velocidade,
desaparecer no contacto químico
com o universo.
chama-me átomo e cospe-me.
preciso de não estar aqui.

III

da morte
a bélica aparição.
pois, senão.
a marcha séria, contusa
o passo pesado, a expressão crítica,
obtusa.
a corrente no canal,
o espaço, o horizonte, a calma,
o roxo
na marginal.
como a curva de resto inclinada
o banco sujo
as folhas recaindo sobre o Outono
dentro de cada um.
a bala, *bum!*
da morte
a risonha aparição.
pois, celebração.

IV - “na qualidade rara de sereia”
(com direcção a gilberto gil)

a espuma em sangue da praia
traz o sabor inválido
- cálido –
da ex-sereia.
morta; torta em seus braços leves,
repartidos.
que comece a festa.
cotovelos aos curiosos, ancas aos
furiosos.
pés aos pianistas, pêlos aos
reformados.
cabelos aos perfumantes, lóbulos aos
fabricantes.
sexo, axilas, narinas, nádegas aos
de algum dinheiro.
a réstia, o resto inteiro
a quem chegar primeiro.
o vento em sangue da praia
traz a recordação pálida
- alada –
da arenosa sereia.
granular.
morta em seus batimentos rasos,
desaparecidos. idos.

voto na pomba.
azul, preferencialmente.
que a paz do branco está gasta
e triste,
e o azul me invoca o céu,
porta do que não viste.
voto no corvo;
gritante, matinalmente.
de suas espessas penas
onde o negro me reboca ao veludo,
braço macio para quase tudo.
voto no jacó;
mas que fosse mudo.

cónego! abre a porta
esta gente quer entrar.
não quer só sentar;
quer ver-te os modos,
sonhar, estar.
da chávena advém o fumo,
mais tarde diremos
do rumo.
uma veste simples
um casaco antigo.
agasalha-te da morte:
ela quer deitar-se contigo.

VII - “a João Ubaldo Ribeiro”

há o bigode caído e
redondo
dos lados;
o teu olhar achinesado
compreensivo, escuro,
azulado
esperançoso.
há o brilho pátrida
na tua testa;
dentes entremeadamente sorrindo para aqui.
o pescoço reptilizante
a camisa que foi azul.
teus cabelos escasseiam;
teu sorriso – em letras –
talvez se eternize...

VIII

subjazem barris castanhos
à manhã.
amanhã, finalmente, notarão nos relógios
a ferrugem.
uma mulher branca e nua
abre a porta
abre as pernas de penugem.
que as aragens se confundam;
que os sexos celebrem a humidade
do contacto, do com tacto.
a saia no chão,
a vela ao pé.
o cabelo na bruta mão
queimado à luz da fé.
na manhã, finalmente, a marca dos
relógios
na penugem.
subjaz o cheiro aqueimado,
o dente, o cóccix
quebrado.

passeio claro, horizontal, na paralisia dos mares. em direcção à Europa, em odorificação à velha Europa. uma bengala, uma photo antiquada, um baú castanho, uma velha amarrada. em direcção ao mar recai o cavalo solene, suas cinzas, suas cintas. que calmaria na beleza pastoral de um rumo... que calmaria. mais diria: ao rio que se pausasse, à ventania que me vivificasse. uma folha, um papel, uma porta de ferro, uma estação encerrada. inanimada. **um revólver** claro, pontual, na paralisia dos corações.

choras porque a cegueira é voraz.
choras porque o espelho não reflecte
a tua vontade.
a nuvem acinzentou-se por sobre
ti,
o revólver está pronto.
choras porque a chave é imaginária
e a porta sólida em demasia.
porque mesmo na cegueira se
distingue o sangue próprio.
choras porque a fraqueza te sobrepesa
as sobrancelhas, as pálpebras
os olhares.
choras no sufoco de pouco acontecer,
pouco conseguir ver.

roem-se fios ao ferro,
encaracolam-se enfim odores.
da noite, apenas a réstia de som,
algum veludo, algum entrudo.
suspiros e faíscas derrubando
a escuridão.
entre a carne da unha
e a pele da mão
a escultura cresce – a fogo –
do que foi ferro.
uma queda solitária
uma réstia de luz:
eu-berro.

da greve do dedo
à gravidade do enredo,
o peso morno
a cabeça pesada,
o floreado contorno
na enseada.
bengala de sonho:
o que o sono traz
- o mais das vezes –
é paz.
da cor do vinho
irritantemente
o que era caminho
torna-se ausente.
a escuridão é bruta
- diz o povo –
e não ajuda a gente.

XIII – “sangue” [em valsa lenta]

interrompida a caminhada
urge saborear o suor ainda vivo
de cada mapa, cada rio digital
na ponta de um dedo ébrio.
suor salgado, viajado
suor de veia intrínseca, recolhida,
proibida.
urge cumprimentar a língua
o lábio em sangue
o dente viril.
que suor, sal e sangue
- noutros caminhos –
sê-lo-ão sempre. sempre.

XIV - “de pulsos”

tens o pulso tão belo. agora entendo porque o mordes.
como se o sofrimento fosse nada ao pé do toque. como se a sensação
canina da boca em contacto com o sangue se desintegrasse não por vontade
tua mas pela magia da beleza, do encanto redondo do teu pulso.
como que te oiço o coração enquanto o mordes; como que te mordo o outro
pulso, ah, claro, se pudesse, se houvesse.
tens o pulso tão belo. como que arredondo e, feito flor, estranhamente
humano.

quatro malefícios na ponta curva
do pé.
a perna cruzada, os pêlos dela
que daqui vejo.
a ponta dependurada do chinelo
e a música que empurra
empanturra
a lágrima.
quatro pernas manhosas tem a mesa;
na cabeceira o traje, o trapo
de crochet.
um alfinete, um algodão
e o frasco de álcool à esquerda
na mão.
se adormecer pode ser que caia;
se adormecer
adormeci a bitacaia.

escreve-se de noite.
na casa de um amigo onde o
chinelo da volúpia é roto;
escreve-se para o outro.
para que a metade ausente do sonho
se liquidifique
e apareça;
no justo retorno à cama,
na merecida temperatura calma.
morena, serena.
escreve-se o torto para intimidar
o direito;
afaga-se a diagonal, o caminho férreo
na cicatriz do peito.
no apertado adorno da campa
na esmorecida quentura da alma.

XVII

regresso porque me dói
a parte escondida da perna.
e peço, com a mão mais direita,
para escrever em ti.
regresso porque
acima de tudo
me quero experimentar.
a mim: o sanguíneu.
o actor sanguíneu.